A CARNAVALIZAÇÃO DA MEMÓRIA: A PERFORMANCE DO UMBANDAUM EM CARAVELAS- BA

Priscila Santos da Glória
Universidade do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8902-6546
Endereço eletrônico: pgloria@uneb.br

Edson Silva de Farias
Universidade do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9406-3269
Endereço eletrônico: nilosed@gmail.com

Palavras-chave: carnavalização; memória; performance; umbandaum.

INTRODUÇÃO

O grupo Afroindígena de Antropologia Cultural Umbandaum foi formado por caravelenses no ensejo das comemorações do centenário da abolição. A união de três artistas Jaco e Jó Galdino com Itamar dos Anjos Silva, em apresentações teatrais pelas ruas de Caravelas, Bahia, originou uma intervenção na festa do centenário da abolição, quando saíram às ruas carregando a faixa "100 anos da falsa abolição" (Pereira, 2023, p.13). A motivação de disputar a memória da abolição com os grupos da elite local evidencia uma batalha pelo significado, a qual nos interessa refletir. É na cultura afro-indígena que o coletivo encontra signos para realizar essa disputa sociossimbólica.

O Umbandaum é também um grupo carnavalesco, sendo um dos projetos do Movimento Cultural Arte Manha, que vem atuando na cidade de Caravelas e seus arredores através da arte e da educação afro-indígena. O Arte Manha que vem apresentando diversas fissuras na narrativa hegemônica que liga o extremo sul da Bahia à herança colonial, seja através da sua música marcada pela percussão, pela performance da dança e a estética negra durante os desfiles carnavalescos, e/ou pela produção de filmes que questionam a narrativa do colonialismo desde a "descoberta do Brasil pelos portugueses" até à implantação da

eucaliptocultura, que envolve toda uma narrativa de progresso. Na presente comunicação buscamos compreender como o processo da carnavalização da memória faz parte da disputa sociossimbólica, através da análise da performance carnavalesca do Umbandaum em Caravelas, em 2025.

METODOLOGIA

Utilizamos a etnografia como método para compreender como o Umbandaum performatiza a memória. No intuito de "observar, registrar e analisar" as ações do grupo "inscrevendo o discurso social" para transformar o acontecimento passado em um "relato" (Geertz, 2008, p.14). Neste ensejo acompanhamos a apresentação do Umbandaum no carnaval de Caravelas em março de 2025, observando e registrando através de filmagens e fotografias. No presente texto escolhemos duas performances para analisar: a ala de abertura que encena a antropofagia dos povos tupinambás, e a ala denominada "Deserto Verde" que encena a devastação da Mata Atlântica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desfile do Umbandaum aconteceu no sábado, dia 01 de março, no final da tarde, a concentração do bloco se deu na sede do Arte Manha que abriga as atividades do Umbandaum, mas também outra gama de atividades artísticas e educativas. O local fica situado na Avenida Sócrates Ramos, distante do Centro Histórico cerca de 1 km, e foi a primeira vez que estive na sede do coletivo. Chegando ao local pude observar a preparação dos/das integrantes do Arte Manha, a pintura corporal com o auxílio de esponjas e o uso de tinta das variadas cores, havia também pessoas de fora, parceiros/as da própria Caravelas, e também de cidades circunvizinhas. Podemos destacar a presença de indígenas Pataxó, moradores do Quilombo de Volta Miúda, componentes do Maracatiba, grupo de Maracatu de Cumuruxatiba, e com certeza o som da percussão do Umbandaum que ainda na concentração convidava a comunidade ao espetáculo.

A apresentação do Umbandaum teve como tema "O ser tão nordestino" e foi composto por várias performances. A ala de abertura levou para o Centro Histórico a encenação da antropofagia tupinambá, onde homens performaram indígenas colocando uma mulher branca em caldeirão. Logo na abertura, o desfile carnavalizava a memória colonial, mas colocando

como protagonista os povos originários e seus rituais, como também a possibilidade da antropofagia ser parte de uma série de estratégias de resistência à invasão portuguesa. A chegada do Umbandaum no Centro Histórico causou impacto, os foliões olhavam intrigados para a encenação da antropofagia. Uma senhora se aproximou e me perguntou, qual era o nome daquele ritual que estava sendo retratado na performance? Enquanto eu respondia: - Antropofagia! Os homens vestidos de indígenas gritavam: - "Nós somos tupinambá!"

Edson Farias (2015, p. 210, 216) analisando o "carnaval-espetáculo" das escolas de samba do Rio de Janeiro conceituou os saberes carnavalescos como a "técnica do ludibrio" que envolve tanto a visão instrumental dos carnavalescos, como a observação dos espectadores que buscam naquele contexto "sensações de beleza", o quê resulta "na confecção de imagens inebriantes a fim de promover o êxtase numa situação de diversão". Para o autor "a regra fundadora do gênero desfile carnaval-espetáculo, isto é, produzir impacto nos olhos de quem anonimamente contempla o cortejo carnavalesco". Por todo desfile do Umbandaum pude observar essa relação fortuita do carnavalesco-espectador e de certa forma interdependente sob a perspectiva da teoria sociológica de Elias (2000). Houve no desfile o objetivo de comunicar, mas também de inebriar através de uma narrativa mítica da memória o Umbandaum buscou causar impacto e surpresa na plateia.

Atrás da percussão estonteante do Umbandaum desfilou a ala "Deserto Verde", onde o coletivo denunciou o avanço do agronegócio sob a Mata Atlântica. Em cena esteve Itamar vestido de diabo com chifres vermelhos, cheios de purpurina, seu corpo vestia apenas uma tanga, também vermelha e vibrante. Em frente à igreja colonial Santo Antônio o "diabo" caminhava e ria enquanto um homem com uma serra elétrica encenava o corte das árvores, eram as próprias mulheres integrantes do Arte Manha que estavam vestidas de verde e tinham seus corpos pintados com a mesma cor. Enquanto o homem "serrava as árvores", as mulheres caiam no chão simulando a destruição da mata. Aqui notamos a relação da performance com a contestação, pois "seu apelo encontra-se na grande libertação que dá ao corpo político através da participação, do vestir-se, da dança" (Oribi, 2012, p. 281).

Entendemos a performance como um "processo que culmina na execução da ação/atuação e, finalmente, a integração plena alcançada pelo sujeito entre consciência e ato no fluxo temporal". Aproximaremos a performance da teatralização, conforme a própria origem do Umbandaum que se dá no teatro de rua, e está tanto na sua apresentação

carnavalesca como na sua elaboração fílmica. A teatralização pode ser compreendida como "produção de cenas e condutas", mas que não se esgota na "dramatização teatral", pois age como "revelação e ponto de chegada da experiência social, aprendida como um processo" (Cavalcanti, 2020, p. 67-84). Para Itamar dos Anjos o Umbandaum se originou na experiência do "teatro da anarquia", aquele que questionava a ordem social vigente, assim ele descreveu o coletivo como o primeiro grupo anarquista do extremo sul da Bahia.

CONCLUSÕES

A performance do Umbandaum já nasceu contestatória seja resistindo a narrativas retroalimentadas pelo passado colonial, seja contestando o poder do agronegócio que ameaça a sobrevivência dos quilombos e dos povos originários. Esiaba Oribi (2012, p. 279) ressalta a relação memória-corpo nas performances africanas e diásporicas e elege o carnaval como uma festa capaz de exemplificar essa relação. Para o autor carnaval "é um exemplo eloqüente da transcendência expressa através do espetáculo: procissão, cores, música, dança e, mais importante, o movimento físico do corpo". E dessa maneira os descendentes de africanos usam "a performance para afrontar, escarnecer, rejeitar, interrogar e desconstruir o individualismo e o naturalismo ocidental". O autor ainda concluí "cada performance serviu como uma ocasião para rememorar, reiterar, reinventar e resistir à agenda da escravidão capitalista que, a partir de um discurso globalizante (...) tinha por intuito reduzir os africanos a bens móveis" (Oribi, 2012, p. 288). Então enfatizamos que a performance do Umbandaum se vincula a uma memória que que contesta a narrativa colonial e o poder do agronegócio no extremo sul da Bahia.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. **Drama, ritual e performance:** a antropologia de Victor Turner. Rio de Janeiro: Mauad, 2020.

FARIAS, Edson Silva de. O saber carnavalesco: criação, ilusão e tradição no carnaval carioca. In: **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, V. 05, abril, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PEREIRA, Jéssica Silva. Os blocos afro baianos e o surgimento do grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum: fluxos, subjetividades e conexões. In: **Anais do 32º Simpósio Nacional de História** – ANPUH Nacional. Jul. 2023, São Luís, MA.

ORIBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. In: **Projeto História**, n. 44, jun. 2012, São Paulo.